



FORÇA ILOCUCIONÁRIA, CP CINDIDO E EFEITO V2

CARLOS FELIPE PINTO

Universidade Federal da Bahia

1. Introdução

"Línguas V2" tem sido uma etiqueta usada para classificar um grupo de línguas, cujos principais representantes na atualidade são as línguas germânicas exceto o inglês, que, em termos gerais, apresenta a exigência de que o verbo finito esteja localizado na segunda posição da oração, precedido exclusivamente por um único constituinte, que pode ser o sujeito ou outro constituinte qualquer. Quando o sujeito não é o primeiro constituinte, aparece imediatamente após o verbo. Os dados do holandês, transcritos em (1) a seguir, ilustram esta propriedade das línguas V2:

- (1)
- a. André **het** gister die storie geskryf
André tem ontem a história escrito
 - b. Gister **het** André die storie geskryf
Ontem tem André a história escrito
 - c. Die storie **het** André gister geskryf
A história tem André ontem escrito
 - d. Nêrens **praat** mense meer Latyn nie
Em-nenhum-lugar falam as pessoas mais latim
 - e. Wat **lees** jy vandag?
O que lê você hoje
- (BIBERAUER, 2002, p. 19)

Em (1) acima, os verbos finitos, destacados em negrito, são sempre precedidos por um constituinte: pelo sujeito em (1a); por um adjunto adverbial em (1b) e (1d); pelo objeto direto em (1c); por um elemento interrogativo em (1e).

Embora nas orações matrizes haja um comportamento bastante parecido, há variação nas orações subordinadas, dividindo as línguas V2 em dois grandes grupos: *línguas simétricas*, que exibem o efeito V2 em orações matrizes e subordinadas, e *línguas assimétricas*, que exibem o efeito V2 apenas em orações matrizes (não existe língua V2 que manifeste o efeito V2 apenas em orações subordinadas). Vikner (1995) classifica as línguas V2 da seguinte maneira:

- (2) a. *Línguas V2 “bem comportadas”*, como o alemão e o holandês, em que o efeito V2 só é possível em orações subordinadas a *verbos-ponte* SEM a realização fonológica do complementizador.
- b. *Línguas V2 “limitadas”*, como o dinamarquês e o norueguês, em que o efeito V2 só é possível em orações subordinadas a verbos de um grupo específico COM realização fonológica do complementizador.
- c. *Línguas V2 “generalizadas”*, como o iídiche e o islandês, em que o efeito V2 é possível em qualquer tipo de oração subordinada.⁶⁶
- d. *Línguas V2 “residuais”*, como o inglês, em que o efeito V2 só é possível em contextos específicos, como orações interrogativas.

Do mesmo modo em que há variedade empírica, assim há diversas análises formais para as línguas V2. A primeira análise no modelo da gramática gerativa foi a de Den Besten (1989), que propôs a existência de um movimento do verbo para o CP, a projeção mais alta. Quando o estudo foi expandido para a descrição e análise das línguas V2 simétricas, foi proposto que o movimento do verbo se dava para uma projeção intermediária, o IP, considerando que o núcleo do CP já estava ocupado pela conjunção e não poderia abrigar o verbo finito simultaneamente.

Com o desenvolvimento da cartografia das estruturas sintáticas com o trabalho de Rizzi (1997), as projeções VP, IP e CP passam a ser compreendidas como "campos" que abrigam outras projeções, o que leva ao entendimento de que as diferentes análises para os

⁶⁶ Os *verbos-ponte* são representados por verbos como “dizer”, “pensar” etc. e são verbos que permitem extração do complemento da oração subordinada para a oração matriz. Isso implica que em completivas factivas, completivas nominais, orações relativas, orações consecutivas etc, o efeito V2 não é observado nas línguas V2 “limitadas”.

diferentes movimentos do verbo são uma solução *ad hoc* dadas as limitações dos modelos não cartográficos anteriores. Haider e Prinzhorn (1986) pontuam que a investigação sobre as línguas V2 tem tomado como questões principais a serem exploradas: A) qual é o gatilho para o efeito V2 B) o efeito V2 é uma propriedade paramétrica; C) qual é o lugar de pouso do verbo; D) qual é a natureza da assimetria entre orações matrizes e orações subordinadas; E) como o efeito V2 pode surgir ou desaparecer em termos diacrônicos.

Neste trabalho, meu objetivo é apresentar algumas evidências de que, em qualquer tipo de língua V2, quando uma oração exibe o efeito V2, o verbo se move para o campo CP⁶⁷. Para alcançar este objetivo, apresentarei a proposta de Den Besten (1989), que apresenta evidências contundentes de que o verbo se localiza em CP nas orações matrizes do alemão e do holandês e, em seguida, apresentarei evidências contra a análise do V2-IP proposta para as línguas simétricas. Também discutirei que o efeito V2, em orações subordinadas, está relacionado com força ilocucionária e não com o tipo do verbo subordinador. Por fim, proporei uma análise que tentará dar conta da variação da manifestação do efeito V2 nas línguas humanas.

2. Análises formais para o efeito V2

2.1. Den Besten (1989): V2 é movimento do verbo para COMP

Den Besten (1989) propõe que há dois grupos de regras de transformação independentes (um grupo que realiza somente o movimento do verbo – *Verb Preposing*; outro que move outro componente), que, combinadas, dão quatro resultados: a) nenhum constituinte se move, como nas línguas S-V-O como o inglês; b) só o verbo se move, no caso da *inversão auxiliar-sujeito*, do inglês; c) o verbo não se move e outra opção do segundo grupo é escolhida, fronteando um constituinte qualquer; d) ambas as regras são acionadas. Os exemplos em (3) a seguir ilustram as quatro possibilidades respectivamente:

- (3) a. He **will** not come
 Ele vai não vir
 b. **Is** he coming?
 Está ele vindo?
-

⁶⁷ Esta discussão foi realizada de maneira mais extensa em Pinto (2011), a que o leitor deve recorrer para maior detalhamento dos argumentos e propostas aqui apresentados.

c. Here he **comes**

Aqui ele vem

d. Only on weekends **do** I see her

Apenas nos fins de semana *v-auxiliar* eu vejo ela (DEN BESTEN, 1989, p.

21)

A partir de (4) e (5) abaixo, de orações subordinadas condicionais e orações interrogativas, o autor relaciona regras de transformação com regras de apagamento lexical:

(4) a. ...of je broer nog **komt**

se seu irmão ainda vem

b. ...welk boek (of) hij **wil** lezen

qual livro (se) ele deseja ler (DEN BESTEN, 1989, p. 23)

(5) a. **Komt** je broer nog?

Vem seu irmão ainda?

b. Welk boek **wil** hij lezen?

Qual livro deseja ele ler? (DEN BESTEN, 1989, p. 24)

Para Den Besten (1989), a correlação dos exemplos acima é uma clara evidência de que o verbo foi movido para a posição de complementizador. Observem-se os exemplos em (6) e (7) a seguir tomados de Den Besten (1989, p. 24):

(6) ...dat ik dat boek niet gelezen **heb**

que eu esse livro não lido tenho

(7) a. Ik **heb** dat boek niet gelezen

Eu tenho esse livro não lido

b. Dat boek **heb** ik niet gelezen

Esse livro tenho eu não lido

c. Gelezen **heb** ik dat boek niet

Lido tenho eu esse livro não

O autor relaciona os exemplos em (6) e (7) e diz que a mesma regra que move o verbo para COMP em *perguntas-sim/não* e *perguntas-WH*, como nos exemplos em (5), move o verbo para COMP em orações declarativas como em (7).

Den Besten (1989) apresenta ainda evidências a partir do holandês e do alemão que mostram que, nas línguas V2, o verbo se move para COMP. Apresento uma delas a seguir.

O holandês tem dois tipos de sujeitos pronominais: pronomes fortes, como “*ji*” (você), “*hi*” (ele), “*zij*” (ela) e “*wij*” (nós); e pronomes fracos, como “*je*” (você), “*hi/ie*” (ele), “*ze*” (ela) e “*we*” (nós). Os pronomes fracos devem estar adjacentes ao complementizador, que ocupa a posição de COMP, como ilustra o contraste de gramaticalidade em (8):

- (8) a. ...*dat je/ze gisteren ziek was*
 que você/ela ontem doente estava
 b. *...*dat gisteren je/ze ziek was*
 que ontem você/ela doente estava (DEN BESTEN, 1989, p. 25)

A previsão que os exemplos em (8) fazem é que, se a análise do movimento do verbo para COMP estiver correta, a contraparte formada por orações interrogativas ou declarativas V2, com algum elemento diferente do sujeito em primeira posição vão apresentar os mesmos fatos (os pronomes fracos devem estar adjacentes ao verbo). Tal previsão é comprovada a partir de dados como (9) e (10) a seguir tomados de Den Besten (1989, p. 26):

- (9) a. **Was** ze gisteren ziek?
 Estava ela ontem doente?
 b. ***Was** gisteren ze ziek?
 Estava ontem ela doente?
- (10) a. Toch **was** ze gisteren ziek.
 Ainda estava ela ontem doente
 b. *Toch **was** gisteren ze ziek.
 Ainda estava ontem *ela doente

A partir da exposição acima, fica claro que, nas línguas V2, existe alguma propriedade que as distingue das línguas não V2, forçando o movimento do verbo para uma posição mais alta na oração. O movimento do verbo para COMP, posição mais alta da oração no modelo de Den Besten (1989), é evidenciado pelo contraste entre orações matrizes e subordinadas (as primeiras exibem o verbo em segunda posição; as últimas exibem o verbo em posição final) e pela distribuição equivalente do verbo, nas orações matriz, com o complementizador, nas

orações subordinadas (os mesmos fenômenos encontrados com os complementizadores nas orações subordinadas são encontrados com os verbos nas orações matrizes).

2.2. A análise V2-IP

Uma série de trabalhos foi realizada para estudar outros tipos de línguas V2 a partir de Den Besten (1989)⁶⁸ e começaram a apontar para diferentes tipos de línguas V2. Um dos estudos pioneiros é o de Thráinsson (1986), que estuda a ordem de constituintes no islandês e mostra que esta língua não apresenta assimetria entre orações matrizes e subordinadas:

(11) a. Helgi **hefur** trúlega keypt bókina.

Helgi tem provavelmente comprado o livro

b. Jón segir að Helgi **hefur** trúlega keypt bókina.

Jón diz que Helgi tem provavelmente comprado o livro (THRÁINSSON, 1986, p. 171)

Como as orações matrizes e orações subordinadas do islandês exibem a mesma ordem de constituintes, Thráinsson (1986) assume que o verbo se move somente até INFL (equivalente a I^o nos modelos mais recentes). O autor diz que há um parâmetro envolvido na questão e que, em umas línguas, o verbo se move até COMP e, em outras, o verbo faz um movimento curto até INFL, que se caracteriza como uma *posição A* e a *A-Barra* ao mesmo tempo⁶⁹.

Na mesma linha de pensamento de Thráinsson (1986) é feito o trabalho de Diesing (1990), que apresenta evidências empíricas mais robustas para a análise V2-IP. A seguir, apresentarei alguns dados empíricos utilizados por Diesing (1990) em favor de sua análise. Para mostrar que a posição de SpecIP pode ser uma *posição A-Barra*, Diesing (1990) recorre ao contraste de elementos pronominais fronteados: quando o pronome é o sujeito, pode estar na primeira posição sem acento (a proeminência prosódica da oração); quando o pronome não é o sujeito, só pode estar na primeira posição se for acentuado.

(12) a. Es hot gegesn dos broyt. (leitura de pronome referencial)

⁶⁸ O artigo de Den Besten (1989) é uma republicação de um artigo publicado anos antes.

⁶⁹ Acredito que seja mais plausível assumir que, nessas línguas, o IP é uma *projeção A-Barra* já que *projeções A-Barra* podem abrigar tanto o sujeito como outros constituintes.

Isso tem comido o pão

b. *Ira **hobn** di kinder gezen (sem acento)

ele.ACC tem as crianças visto (DIESING, 1990, p. 47)

Um segundo ponto que Diesing (1990) traz para a discussão é a assimetria na ordem de palavras nas orações interrogativas. Nas orações matrizes, o elemento interrogativo conta como primeira posição. Nas orações interrogativas indiretas, por outro lado, não conta:

(13) a. Vuhin **geyt** ir?

Onde-para vão vocês?

b. *Ver dos broyt **hot** gegesn?

Quem o pão tem comido?

c. Ikh veys nit vuhin **ir** **geyt**.

Eu sei não onde vocês vão. (DIESING, 1990, p. 50)

A conclusão a que se é que, nas orações matrizes, o elemento interrogativo se move para SpecIP, e, nas orações subordinadas, se move para SpecCP tendo em vista a possibilidade de que outro elemento apareça entre o verbo e o elemento interrogativo.

A autora discute a análise da recomplementação do CP⁷⁰ e diz que esta análise é problemática no caso do iídiche porque prediz que a extração de orações subordinadas é impossível tendo em vista o cruzamento de várias barreiras, fato que é diferente dos dados, que mostram que é possível extração de orações subordinadas V2 do iídiche:

(14) Vemen hot er nit gevolt az ot di bikher **zohn** mir gebn?

Quem.DAT tem ele não desejado que PRT os livros podemos nós dar

(DIESING, 1990, p. 62)

⁷⁰ A análise de recomplementação do CP foi proposta por Den Besten e Moed-Van Walraven (1986) e diz que nos casos de línguas simétricas há um CP duplo, em que a projeção superior abriga a conjunção e a projeção inferior abriga o verbo. Iatridou e Kroch (1992) fazem uma discussão dessa proposta a fim de mostrar que nas línguas V2 simétricas não existe recomplementação de CP mas movimento do verbo para IP.

No entanto, como o trabalho de Rivero (1980) sugere, a possibilidade de extração de orações subordinadas parece não ser um problema para a análise do verbo em CP (a favor de V2-IP) considerando os dados a seguir:

- (15) a. *¿Qué preguntan (que) quién tiene?
 b. Dinero, preguntan (que) quién tiene. (RIVERO, 1980, p. 380)

Para concluir, Diesing (1990) assume uma estrutura oracional na qual as únicas projeções existentes são CP, IP e VP, cada uma dessas projeções contendo apenas uma camada, apresentando argumentos circulares para o problema da simetria entre orações matrizes e orações subordinadas com relação à manifestação do efeito V2: como a oração subordinada apresenta complementizador realizado fonologicamente, o verbo não pode se mover para C°.

2.3. A favor de V2-CP generalizado

O contraste entre os exemplos em (15a) e (15b) acima dá evidências de que o CP possui mais que uma projeção, devendo ser entendido como um campo, conforme propõe o modelo da cartografia das estruturas sintáticas. Se o CP fosse apenas uma única projeção, o único resultado possível para os exemplos em (15a) e (15b) seria a agramaticalidade obtida em (15a). Em (15a), como o elemento extraído é um pronome interrogativo, a oração é agramatical já que a posição intermediária de escape já está ocupada por outro pronome interrogativo. Em (15b), a oração é gramatical porque o DP frontado passa por uma posição de escape intermediária diferente da posição ocupada pelo elemento interrogativo. Caso houvesse apenas uma única posição no CP de escape (o CP subordinado), a extração do DP seria impossível.

Voltamos, assim, ao espírito inicial da proposta de Den Besten e Moed-Van Walraven (1986): nas línguas V2 simétricas há uma recomplementização de CP, que será reinterpretada aqui no espírito do CP cindido de Rizzi (1997). Antes disso, é preciso apresentar evidências de que o IP é exclusivamente uma posição-A e o verbo se move para CP mesmo em línguas simétricas. Apresentarei dois argumentos de Vikner (1995) neste sentido.

Primeiro, Vikner (1995) comenta que tem sido mostrado que o iídiche e o islandês apresentam construções declarativas V1, que são chamadas *V1 narrativo*, o que contrasta com as demais línguas germânicas. Segundo Santorini (1989), o movimento do verbo nas orações V1 é diferente do movimento do verbo nas orações V2 no iídiche: nas orações V2, há apenas

movimento V-to-I; nas orações V1, há movimento longo para C°. A proposta de Santorini (1989) faz a previsão de que, em orações declarativas V1, duas ordens são possíveis:

- (16) **SpecCP** **C°** **SpecIP** **I°** **SpecTP/SpecVP**
 a. (nulo) — verbo finito — sujeito — (nulo) — (nulo) ...
 b. (nulo) — verbo finito — tópico — (nulo) — sujeito ...
 (Adaptado de VIKNER, 1995, p. 88)

Como SpecIP é uma *posição A-Barra*, podendo abrigar o sujeito ou qualquer outro constituinte, e o verbo está em C°, ambas as ordens em (16) são previstas. No entanto, a única ordem observada é a variante (16a), como os dados do islandês e do iídiche mostram em (17) e (18) respectivamente:

- (17) a. **Hafði** Pétur þá ekki enn lesið bókina
 Tem Pétur então não ainda lido livro.DEF
 b. ***Hafði** bókina Pétur þá ekki enn lesið
 Tem livro.DEF Pétur então não ainda lido
- (18) a. **Hot** der yid nekhtn gegebn dem yingl dos dozike bukh
 Tem o homem ontem dado ao garoto esse livro
 b. ***Hot** dos dozike bukh der yid nekhtn gegebn dem yingl
 Tem o livro o homem ontem dado ao garoto (VIKNER, 1995, p. 88)

O contraste acima mostra que, se a posição de SpecIP pudesse ser uma *posição A-Barra*, os exemplos em (17b) e (18b) deveriam ser gramaticais. Mas, dada a gramaticalidade exclusiva de (17a) e (18a), a posição SpecIP parece ser uma posição exclusiva para o sujeito.

Segundo, Vikner (1995) discute as construções de *object shift*, construções nas quais, além do sujeito, o objeto direto do verbo é movido para a esquerda do verbo e o VP apenas contém os vestígios (ou cópias apagadas) dos elementos movidos. Observem-se os exemplos a seguir:

- (19) a. Kannski **hefur** Jón ekki lesið bokina.
 b. *Kannski **hefur** Jón lesið ekki bókina.
 c. *Kannski **hefur** Jón lesið bókina ekki.
 Talvez tem Jón (não) lido (não) livro.DEF (não) (VIKNER, 1995, p. 97)

Devido à agramaticalidade de (19b) e (19c), pode-se concluir que a negação “ikke” não pode ser adjungida ao V’ nem pode aparecer à esquerda do VP. Logo, nas construções de *object shift*, o que se espera é que o objeto preceda a negação, o que realmente acontece:

- (20) a. Hann veit að þess vengja **las**_v Jón bókkina_i ikke t_v t_i
 Ele sabe que portanto lê Jón livro.DEF não
- b. *Hann veit að þess vengja **las**_v bókkina_i Jón ikke t_v t_i
 Ele sabe que portanto lê livro.DEF Jón não (VIKNER, 1995, p. 97)

Sabe-se que o objeto foi submetido a *object shift* nos exemplos em (20) porque o objeto direto aparece à esquerda da negação (vide os exemplos em (19)). Se o sujeito pudesse ocupar uma posição mais baixa que SpecIP, o exemplo (20b) deveria ser gramatical.

3. Força ilocucionária e efeito V2

Durante algum tempo se acreditou que a variação no efeito V2 das orações subordinadas das línguas assimétricas e das línguas V2 limitadas (como as línguas escandinavas) estava relacionada com o tipo do verbo da oração matriz. Julien (2009, 2010) mostra, a partir de um estudo de *corpora* do norueguês, sueco e dinamarquês, que a realização do efeito V2 está relacionada com força ilocucionária, mais especificamente com o traço [+assertivo]⁷¹. Alguns dados de Julien (2009, 2010) são apresentados a seguir.

Predicados assertivamente fortes. Neste grupo, são incluídos verbos *dicendi* e adjetivos como “claro” e “verdade”

- (21) a. Sã ringer jeg og sier at **jeg kommer** ikke på torsdag. (norueguês)
 Então telefonei eu e disse que eu venho não no sábado
- b. Det er jo klart, at **det bliver** ikke bedre på den måde. (dinamarquês)

⁷¹ Uma série de estudos tem argumentado que as orações subordinadas não têm estrutura informacional independente. Contudo, como discutido por Lahousse (2010), essa afirmação é falsa. Lahousse (2010) mostra que a possibilidade de ordem V-S no francês é determinada pelo estatuto informacional da oração. A autora mostra, neste sentido, que as mesmas restrições que atuam nas orações matrizes com relação à ordem V-S e à clivagem são encontradas nas orações subordinadas, o que indica que as orações subordinadas têm sua estrutura informacional independentemente da oração matriz.

EXP é PRT claro que isso torna não melhor desse jeito

(JULIEN, 2010, p. 8)

Predicados não assertivos. Neste grupo são incluídos verbos como “negar” e “ser impossível”. Julien (2010) não registra casos de ordem V2 em orações subordinadas com este tipo de predicado, como é previsto dentro da proposta de que o efeito V2 está relacionado com asserção. No entanto, segundo a autora, um exemplo construído com ordem V2 na oração subordinada de um predicado deste grupo é gramatical tanto para ela como para outros falantes nativos do sueco:

(22) Det är väl ingen som tvekar på att dom **gör** det alltid för att få upp försäljningen?

EXP é PRT ninguém que duvida PRT que eles fazem isso sempre para dar vendas

(JULIEN, 2010, p. 9)

Para Julien (2010), a gramaticalidade de (22) representa que um predicado negativo não assertivo se comporta como um predicado assertivo e que o tipo de predicado matriz por si só não determina se a oração subordinada pode exibir efeito V2 ou não.

Predicados de verbos copulativos. Para Julien (2010), a oração matriz representa apenas uma introdução e a oração subordinada é que representa a verdadeira asserção:

(23) Mitt poeng er at vi **kjenner** ikke omfanget. (norueguês)

Meu ponto é que nós conhecemos não o tamanho (JULIEN, 2010, p. 13)

Swearwords. Por fim, para mostrar que as orações subordinadas possuem força ilocucionária própria decorrente de seu caráter assertivo, Julien (2010) mostra a distribuição das *swearwords*⁷² orientadas discursivamente, ou seja, expressões que são utilizadas para enfatizar uma asserção:

⁷² “Swearwords” pode ser traduzido como palavras obscenas ou palavrões.

- (24) a. Bestem jer for fanden! (dinamarquês)
Decidam vocês, por diabo!⁷³
- b. Nei, for faen! (norueguês)
Não, por diabo! (JULIEN, 2010, p. 39)

Contextos interrogativos e não assertivos são agramaticais com essas palavras:

- (25) a. Det er for faen ikke farten som dreper. (norueguês)
' EXP é por diabo nenhuma rapidez.DEF que mata.
- b. *Er det for faen (ikke) farten som dreper?
É EXP por diabo (nenhuma) rapidez.DEF que mata?
- c. Er det (ikke) farten som dreper?
É EXP (neg) rapidez.DEF que mata? (JULIEN, 2010, p. 39-40)

Dados de dialetos do norte italiano discutidos por Poletto (2000) podem confirmar a proposta de Julien (2009; 2010) de que o efeito V2 está relacionado com o traço [+assertivo]. Poletto (2000) mostra uma assimetria entre orações declarativas e interrogativas com relação à presença de *deslocamento à esquerda* e efeito V2; ou seja, por um lado, as declarativas não permitem *deslocamento à esquerda* e efeito V2, por outro lado, as interrogativas o permitem:

- (26) a. *Giani, duman l vaighes-t
Giani, amanhã ele vê-você(cl)
- b. Giani, duman l vaighes-t?
Giani, amanhã ele vê-você(cl)? (POLETTO, 2000, p. 93)

Como o efeito V2 está relacionado ao traço [+assertivo], tal restrição só aparece em orações declarativas, que são essencialmente assertivas. As orações interrogativas, cujo traço é [-assertivo], não possuem a restrição V2 e um outro constituinte pode aparecer em primeira posição, desencadeando a ordem superficial V3.

⁷³ Entendo que a leitura equivalente no português seja algo como “decidam vocês, pelo amor de Deus!”

4. Uma proposta

Roberts (2004) procura explicar o efeito V2 a partir da satisfação de um traço fonológico, ou seja, um traço EPP em Fin^o, considerando o CP expandido de Rizzi (1997), propondo que Fin* pode ser realizado de diversas formas⁷⁴. Em línguas como o galês (*welsh*), Fin* vai ser realizado por uma partícula; em línguas como o alemão, Fin* vai ser realizado com o movimento do verbo.

O efeito V2 nas línguas germânicas tem quatro componentes segundo Roberts (2004):

- (27) a. movimento do verbo para Fin^o.
 b. movimento de um XP pra SpecFinP
 c. restrição de somente um XP.
 d. assimetria oração matriz/oração subordinada. (ROBERTS, 2004, p. 315)

As explicações para as quatro exigências são as seguintes: a) O movimento do verbo para Fin^o é desencadeado por uma propriedade paramétrica, na qual Fin^o[+finito] de línguas V2 tem um traço que atrai o verbo para esta posição; b) Em consequência deste movimento de verbo, a posição SpecFinP vai ser dotada de um traço EPP que exige o movimento de um constituinte para esta posição; c) a restrição de um único constituinte se deve ao fato de que, como o XP em SpecFinP não tem nenhum traço específico, mas foi movido para satisfazer o traço EPP dessa posição; por razões de *minimalidade relativizada*, o seu movimento bloqueia o movimento de qualquer outro elemento para qualquer posição acima de Fin^o; d) como nas línguas V2 Fin^o requer uma realização fonológica, nas orações subordinadas, o complementizador realiza essa função.

A partir dos pressupostos acima, uma explicação para a variação no efeito V2 é dada da seguinte maneira: Há um tipo de parâmetro [\pm V2] que determina se uma língua é V2 ou não-V2 (talvez, determine se a língua tem movimento do verbo para CP na sintaxe visível ou na sintaxe não visível). Se uma língua é V2, essa língua tem Fin*_[-selecionado], independentemente de ser uma língua simétrica ou língua assimétrica. A variação na manifestação do efeito V2 estaria relacionada com os traços de Fin*_[+selecionado].

⁷⁴ Fin* é a representação que Roberts (2004) dá para o núcleo Fin^o que necessita realização fonológica.

As línguas assimétricas exibiriam variação de traços de seleção em Fin*, que poderia ser [±selecionado]. Quando Fin* é [-selecionado], tem-se uma oração matriz, interpretada como declarativa por *default*. Quando Fin* é [+selecionado], tem-se uma oração subordinada, e o traço de Fin* deve ser realizado pela conjunção. As orações completivas de *verbos-ponte*, por serem sintaticamente dependentes mas semanticamente/temporalmente independentes, têm o traço [±selecionado]; assim, o requerimento fonológico de Fin* pode ser satisfeito tanto pela conjunção como pelo movimento do verbo, neste segundo caso seguido automaticamente pelo movimento de um XP⁷⁵. No caso de línguas assimétricas com *verbos-ponte* com realização fonológica do complementizador, como o dinamarquês, a conjunção é concatenada numa posição mais acima, ou seja, em Force^o.

No caso das línguas simétricas, ambos os Fin* são tratados como [-selecionado], ou seja, ambas orações são interpretadas como orações matrizes, e o movimento do verbo é obrigatório em ambos tipos de oração. Nesses casos, para marcar a subordinação sintática, o complementizador tem que ser concatenado numa posição mais alta da oração, como no caso das línguas assimétricas como o dinamarquês.

Um segundo ponto relevante é que, se o efeito V2 está relacionado com força ilocucionária, as orações declarativas matrizes não podem ser interpretadas como tal por *default*, como propôs Roberts (2004), mas sim pela presença de uma projeção ForceP. Pode-se pensar, portanto, que o parâmetro V2 está relacionado com os traços da projeção funcional ForceP em vez de estar relacionado com os traços de Fin* (ter Fin* seria apenas uma consequência, ou seja, uma seleção dos traços de Force^o). Se uma língua tem o parâmetro [+V2], sempre que uma oração tiver força ilocucionária assertiva, ou seja, quando Force^o contiver o traço [+asserção], Force^o selecionará um FinP que tenha o núcleo Fin*.

As orações declarativas matrizes, por conterem a força ilocucionária primária da oração, sempre têm o traço [+asserção] nas línguas V2 e por isso o verbo sempre se move para Fin* e um constituinte se move para SpecFinP.

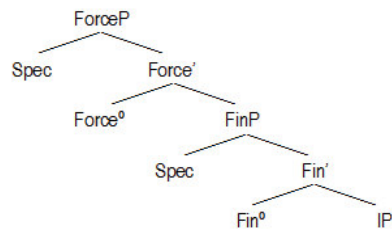
⁷⁵ Uma evidência de que é o movimento do verbo o que desencadeia o movimento do XP é encontrada no fato de que não há movimento de XP quando Fin* é realizado pela conjunção. Nada impede, a priori, que esse movimento seja realizado já que são permitidas pela faculdade da linguagem perguntas subordinadas clivadas: “ele perguntou que livro que você leu ontem”. Uma questão em aberto e já pontuada em Pinto (2011) é por que algumas línguas V2 exigem movimento do verbo para Fin^o seguido do movimento do XP para SpecFinP e outras podem apresentar apenas o movimento do verbo sem o movimento do XP, desencadeando a ordem linear V1.

As orações declarativas subordinadas é que estão abertas à variação com relação ao traço [\pm asserção]. As línguas assimétricas, como se pode concluir pelos trabalhos de De Haan (2001) e Julien (2009, 2010), só apresentam efeito V2 nas orações subordinadas quando estas possuem o traço [+asserção]. As línguas simétricas, por outro lado, apresentam o efeito V2 de forma generalizada, o que leva à conclusão de que o traço [+asserção] está presente obrigatoriamente em ambas as orações; ou seja, tanto orações matrizes como orações subordinadas são tratadas como [+assertivas] nas línguas simétricas.

Uma consequência de assumir que ForceP é a projeção funcional responsável pela manifestação do efeito V2 é que aqueles traços [\pm selecionado; \pm declarativo] atribuídos a FinP por Roberts (2004) precisam ser atribuídos a ForceP, que é a projeção mais alta da oração. Logo, ForceP teria três traços: [\pm selecionado; \pm declarativo; \pm assertivo].

A estrutura básica que proponho para explicar a variação no efeito V2 é a ilustrada em (28) a seguir:

(28)



O efeito V2 nas orações matrizes acontece uniformemente da seguinte maneira: Force° tem os traços [-selecionado; +declarativo; +assertivo]. O traço [-selecionado] determina que Force° seja nulo; o traço [+declarativo] por si só não desempenha nenhum papel, apenas determina o tipo de oração; o traço [+assertivo], que é um subtraço do traço [+declarativo]⁷⁶, é que determina que Force° selecione um FinP* como complemento. FinP* é o que atrai o verbo para si e desencadeia o movimento de um XP para seu especificador.

Por outro lado, o efeito V2 em orações subordinadas com realização fonológica do complementizador acontece da seguinte maneira. O traço que distingue as orações subordinadas das orações matrizes é o traço [\pm selecionado], que, no caso das orações subordinadas, é [+selecionado]. Isto faz com que Force° precise de uma realização fonológica

⁷⁶ Lembre-se de que, como discutido em Julien (2010), uma oração interrogativa nunca é assertiva. Já uma oração declarativa pode ser assertiva ou não.

nas línguas V2, sendo ocupado pela conjunção. Os demais traços são idênticos aos traços das orações matrizes, ou seja [+declarativo;+assertivo], e desencadeiam os movimento do verbo para Fin^o e de um XP qualquer para SpecFinP.

A partir da proposta acima, duas questões aparecem: a) qual seria então a diferença entre línguas simétricas e línguas assimétricas?; b) o que acontece no caso de línguas como alemão e holandês em que o efeito V2 só é possível em orações subordinadas sem a conjunção?

No primeiro caso, a diferença entre os dois tipos de língua se refere somente ao traço [±asserção]: as línguas simétricas teriam somente orações [+declarativas] com o subtraço [+assertivo]; as línguas assimétricas estariam abertas à variação [±asserção] nas orações subordinadas declarativas. Este fato está de acordo com a proposta de Roberts (2010), que propõe que somente há micro-parâmetros na faculdade da linguagem e os macro-parâmetros são o reflexo da atuação conjunta de vários micro-parâmetros.

No caso de línguas como o alemão e o holandês, nas quais o efeito V2 acontece sem a presença do complementizador, vejo duas possíveis respostas. Se o efeito V2 em orações subordinadas do alemão e do holandês acontece em orações completivas de *verbos-ponte*, pode-se dizer que essas orações subordinadas têm variação no traço [±selecionado], tendo em vista que as orações completivas de *verbos-ponte* são sintaticamente subordinadas mas semanticamente independentes. Neste caso, se o falante aciona o traço [-selecionado], Force^o permanece vazio e tem-se uma oração V2; se o falante aciona o traço [+selecionado] Force^o é realizado pela conjunção e não atrai o verbo para Fin^o. Se o efeito V2, no alemão, acontece em outros contextos além dos contextos de orações subordinadas a *verbos-ponte*, a alternativa é dizer que o efeito V2 é satisfeito em ForceP e não em FinP (sendo que, para ir até ForceP, os constituintes passariam por FinP). Isso explicaria a distribuição complementar entre movimento do verbo e conjunção nas orações subordinadas.

REFERÊNCIAS

BIBERAUER, T.. “Verb second in Afrikaans: Is this a unitary phenomenon?”, *Stellenbosch Papers in Linguistics*, v. 34, 2002, p. 19-69.

De HAAN, G.. “More is going on upstairs than downstairs: embedded root phenomena in West Frisian”, *Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 4, 2001, p. 3–38.

De HAAN, G.; WEERMAN, F.. Finiteness and Verb fronting in Frisian. In: HAIDER, H.; PRINZHORN, M. (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, 1986, p. 77-110.

Den BESTEN, H.. “On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules”, *Studies in West Germanic Syntax*, n. 20, 1989, p. 14 -100.

DIESING, M.. "Verb Movement and the Subject Position in Yiddish", *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 8, 1990, p. 41-79.

HAIDER, H.; PRINZHORN, M.. Introduction. In: _____ (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, 1986, p. 1-6.

IATRIDOU, S.; KROCH, A.. “The Licensing of CP-recursion and its Relevance to the Germanic Verb-Second Phenomenon”, *Working Papers in Scandinavian Linguistics*, v.50, 1992, p. 1-25.

JULIEN, M.. *Embedded clauses with main clause word order in Mainland Scandinavian*. Citado do Manuscrito, 2010.

JULIEN, M.. “The force of the argument”, *Working Papers in Scandinavian Syntax*, v. 84, 2009, p. 225–232.

LAHOUSSE, K.. *Information structure and embedded clauses*. Handout da conferência apresentada na Universitat Pompeu Fabra, 2010.

PINTO, C. F.. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

POLETTI, C.. Rhaetoromance verb second. A split CP perspective. In. _____: *The Higher functional field. Evidence from Northern Italian dialects*. Nova Iorque/Oxford: Oxford U. Press, 2000, p. 88-107.

RIVERO, M. L.. “On Left Dislocation and Topicalization in Spanish”, *Linguistic Inquiry*, v. 11, n. 2, 1980, p. 363-393.

RIZZI, L.. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (org.). *Elements of grammar*. Kluwer: Dordrecht, 1997, p. 281-337.

ROBERTS, I.. *Macroparameters and Diachrony*. In: WORKSHOP “GRAMATICALIZAÇÃO: ABORDAGENS FORMAIS E FUNCIONAIS”. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

ROBERTS, I.. The C-System in brythonic celtic languages, V2 and the EPP. In: RIZZI, L. (org.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 297-328.

SANTORINI, B.. *The Generalization of the Verb-Second Constraint in the History of Yiddish*. Ph.D Dissertation, University of Pennsylvania, 1989.

THRÁINSSON, H.. V1, V2 e V3 in Icelandic. In: HAIDER, H.t; PRINZHORN, M. (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, 1986, p. 169-194.

VIKNER, S.. *Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages*. Oxford: Oxford University Press, 1995.